

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

MARIANA DE SOUSA SCHWAB

DE *SETA* PARA *SEDA*:
tradução e reflexão

PORTO ALEGRE

2015

MARIANA DE SOUSA SCHWAB

DE *SETA* PARA *SEDA*:
tradução e reflexão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Italiano e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2015

*À minha mãe, Lilian, que sempre me
acompanhou e estimulou a aprender sempre
mais.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e infinita misericórdia e por sempre ir à minha frente, abrindo meus caminhos.

À minha avó Yolanda, por me amar, me educar e me proporcionar as melhores condições de moradia e estudo.

Aos meus irmãos da primeira comunidade neocatecumenal da Paróquia São Vicente de Paulo, minha segunda família, por me fazerem crescer na fé, me acompanhando desde a minha adolescência, me corrigindo na caridade todas as vezes que foram necessárias.

Aos meus tios Manoel Cezar e Andrea, por me mostrarem a importância de ser uma mulher responsável, com seus incontáveis exemplos.

À Cláudia, Terezinha e Paulo Scheeren, por me ajudarem em muitos momentos da minha vida e vibrarem comigo a cada conquista.

À Daniela Norci Schroeder, por me encantar com sua paixão pela docência e me ajudar a ser uma professora cada vez melhor.

A todos os amigos feitos ao longo da graduação, por fazerem as aulas chatas parecerem mais leves e colorirem os dias no “Vale encantado”.

À minha orientadora e eterna tutora PET, Márcia Ivana de Lima e Silva, por me orientar e dar forças na reta final da graduação.

A todas as pessoas que amo e que não foram aqui nominadas, meu muitíssimo obrigada pelas suas incontáveis orações e suporte ao longo da minha vida.

*"Deixa que o teu coração transborde
em efusões de Amor e de agradecimento ao
considerar como a graça de Deus te liberta
todos os dias dos laços que te arma o
inimigo."*

(São Josemaria Escrivá)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a tradução do italiano para o português dos capítulos 43 a 49 do romance *Seda*, de Alessandro Baricco, com o respectivo Memorial de Tradução/Criação. Os procedimentos metodológicos seguem os pressupostos da Crítica Genética, de modo a estabelecer a tradução comentada.

Palavras-chave: Tradução; Criação; Alessandro Baricco.

RIASSUNTO

Il presente Lavoro di Conclusione di Corso presenta la traduzione dall'italiano al portoghese dei capitoli 43 a 49 del romanzo *Seta*, di Alessandro Baricco, con il rispettivo Memoriale di Traduzione/Creazione. I procedimenti metodologici seguono i presupposti della Critica Genetica, affinché si possa stabilire la traduzione commentata.

Parole-chiavi: Traduzione; Creazione; Alessandro Baricco.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Memorial de tradução/criação	10
3. Seda: a tradução	14
4. Impressões finais.....	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXO.....	22

1. Introdução

A tradução, ainda que muitas pessoas não a definam desse modo, é um processo diário e contínuo a que todos os seres humanos são submetidos ao interpretarem situações para poderem se manifestar adequadamente frente a cada uma delas, e isso acontece na nossa própria língua materna, “quando reformulamos uma frase nossa ou de outra pessoa com outras palavras, quando escrevemos uma mensagem transmitida primeiramente com um gesto etc” (De Mauro, 1985). Ainda assim, a definição de tradução mais conhecida é a de transportar um texto de uma língua à outra, para “permitir que mais leitores tenham acesso a um escrito”, segundo Carla Cardoso Fonseca (2015).

Ao longo de minha formação no curso de graduação, interessei-me pela literatura italiana e a vontade de me aproximar mais dessa literatura fez com que eu escolhesse um romance italiano contemporâneo para ser o objeto do presente trabalho.

Alessandro Baricco nasceu em Turim em 1958 e é considerado um dos principais escritores contemporâneos da Itália. Escreveu diversos romances, entre eles *Seta* (1996), romance por mim escolhido.

Esse trabalho não é somente a tradução de um trecho do romance anteriormente citado, mas uma criação minha como tradutora, tendo em vista a tradução como ato criador, uma vez que, conforme afirma Fonseca:

Conceber o exercício tradutório como um ato criador traz benefícios à profissão do tradutor – que não precisa invisibilizar seu labor – e ao texto traduzido – que, em uma escala de valor, liberta-se da subalternidade em relação ao intocável *original*. (2015, p.13)

O texto traduzido é um texto totalmente novo e não somente uma versão do original em outra língua, uma vez que o tradutor tem que fazer escolhas vocabulares durante a tradução para que o novo texto possua um sentido para o seu público alvo, por exemplo, no uso de gírias, contextos culturais etc. Sendo assim, um mesmo texto pode ter diversas traduções e um texto originalmente escrito em italiano, por exemplo, se depois de ser traduzido ao português fosse entregue para alguém que o passasse novamente ao italiano, provavelmente o texto italiano final não ficaria igual ao texto italiano primeiro. Sobre isso, afirma Octavio Paz:

Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e outra frase. Mas esse raciocínio pode se inverter sem perder a validade: todos os textos são originais porque cada tradução é distinta. Cada

tradução é, até certo ponto, uma invenção e assim constitui um texto único. (PAZ, 2009, p.13;15 apud FONSECA, 2015, p.14)

Muitas vezes o tradutor busca ser totalmente fiel ao texto original, respeitando marcações, pontuações, tempos verbais e escolhas de vocábulos, mas essa busca por fidelidade seria apagar a criação do novo para simplesmente copiar o que já foi dito. Esse trabalho está organizado de forma a mostrar o meu processo criativo. Durante a tradução do trecho selecionado, fui tomando nota de minhas reflexões e dúvidas acerca das escolhas por mim feitas até que eu chegasse, depois de inúmeras leituras e releituras, ao produto final, que apresento nas próximas páginas.

No capítulo 2, apresento o processo de tradução/criação, que embora não apareça explicitamente segue os pressupostos da Crítica Genética, que “apresenta-se como uma possibilidade importante para a reflexão sobre a tradução, uma vez que valoriza mais o processo do que o resultado final” (Fonseca, 2015). Minhas marcações e reflexões sobre escolhas de vocábulos durante a tradução mostram meu percurso criativo. Algo que seria apenas curiosidade para alguns leitores, torna-se objeto de estudo dos geneticistas, que veem nos rascunhos de tradução não um material acessório, mas um material integrante do texto final publicado, e segundo Fonseca

O estudo dos manuscritos sob a ótica da Crítica Genética propõe um encantamento pela escritura: a rasura não representa um erro ou um simples apagamento; representa, isto sim, a abertura a possibilidades outras, revelando a dinamicidade e a multiplicidade oriundas do processo de leitura e escritura. O encantamento do manuscrito visto sob este ponto de vista leva à descoberta da beleza da criação, que tem o poder de mostrar a língua em movimento. (2015, p.24)

O capítulo 3 apresenta a tradução em si, e o original em italiano está no Anexo.

2. Memorial de tradução/criação

Depois de selecionado o romance, *Seta* (1996) de Alessandro Baricco, tive que selecionar os capítulos a serem traduzidos, uma vez que para o presente trabalho seria inviável, infelizmente, traduzir o romance por completo. Selecionei os capítulos de 43 a 49 por ser a narrativa da quarta, e última, viagem da personagem ao Japão e ter sido uma parte do romance que me tocou bastante, emocionalmente falando.

Para realizar a tradução, quando não conhecia o significado de uma palavra, pesquisava primeiro no *Dizionario della Lingua Italiana*, da Editora Zanichelli. Se ainda assim não soubesse a palavra na língua portuguesa, pesquisava no *Dizionario di Italiano per Brasiliani – Parola Chiave*, da Editora Martins Fontes. Para encontrar outras traduções possíveis, pesquisava ainda no *Dicionário Italiano – Português*, também da Editora Martins Fontes.

Como em todo processo tradutório, escolhas foram sendo feitas, repensadas e muitas ainda refeitas. Por exemplo, na língua italiana as pontuações não respeitam uma regra específica, diferentemente do português. Num primeiro momento deixei as pontuações como no original; mas, ao ler a tradução completa, percebi que em alguns momentos a pontuação “italiana” causaria estranhamento no leitor final. Então modifiquei as pontuações para as regras da língua portuguesa. Em italiano temos dois tempos verbais para indicar ações iniciadas e concluídas no passado, o Passato Prossimo e o Passato Remoto. Teoricamente podemos dizer que o primeiro se refere a ações mais recentes e o segundo a ações mais antigas. O texto original está escrito no Passato Remoto, mas como em língua portuguesa temos apenas o Pretérito Perfeito, não temos outro tempo verbal para ações concluídas mais remotamente, esse foi o tempo verbal escolhido para a tradução.

Enfim, para demonstrar meu processo criativo, optei, para manter uma unidade de leitura, em deixar as palavras em língua italiana em caixa alta e as palavras traduzidas entre aspas, e deixei também as marcações numéricas dos parágrafos para facilitar a consulta do leitor ao original.

Segue, pois, o memorial dos capítulos traduzidos.

Capítulo 43.

Como o romance se passa na França, cuja geografia não conheço muito, ao começar a tradução dos capítulos que escolhi, fui consultar na internet quais eram as regiões e cidades pelas quais a personagem Hervé Joncour passava.

VARCÒ IL CONFINE FRANCESE VICINO A METZ, ATTRAVERSÒ IL WÜRTTEMBERG E LA BAVIERA [...]. Sobre o verbo VARCARE fiquei em dúvida entre usar “ultrapassar” ou “atravessar”, escolhi “atravessar” mesmo que na frase seguinte apareça “atravessar” novamente.

RIDISCESE IL CORSO DEL FIUME AMUR, COSTEGGIANDO IL CONFINE CINESE FINO ALL’OCEANO [...]

Não sabia se colocava na tradução simplesmente a palavra “oceano” ou o nome: Oceano Pacífico, porque pelos mapas que consultei na internet não dava pra saber ao certo se era o Índico ou o Pacífico o oceano mencionado. Decidi por nomeá-lo, mas fui em busca de alguém com maiores conhecimentos geográficos do que eu, que confirmou que o oceano em questão era o Pacífico.

Dias depois, ao ler a tradução para outra pessoa e analisar um outro mapa, vi que não existia a necessidade de nomear o oceano. Então no texto final aparece apenas a palavra “Oceano”.

AGGIRÒ LA CITÀ DAL LATO EST [...]. Traduzi AGGIRARE como “contornar”, mas não estou segura quanto à tradução. Na última leitura a solução provisória se tornou permanente.

No final do capítulo, traduzi BRACIERE SPENTO como “braseiro apagado”, mas não gostei, porque acho que não passa a força que o autor quis dar à cena. HERVÉ JONCOUR RIMASE IMMOBILE, A GUARDARE QUELL’ENORME BRACIERE SPENTO. BRACIERE é explicado no dicionário Zanichelli como “recipiente de metal usado para se colocar brasas acesas para aquecer o ambiente, e na antiguidade era usado para celebrar ritos religiosos”. Por isso, acredito que exista uma palavra melhor que “braseiro”.

Após a tradução ser lida para uma professora tradutora, confirmei que “braseiro” foi uma boa escolha, uma vez que vem acompanhado da palavra “enorme” que dá a força necessária ao texto.

Capítulo 44.

AVEVA GLI OCCHI LUCIDI, MA RIDEVA. Traduzi OCCHI LUCIDI não só como “olhos brilhantes”, mas como “olhos brilhantes de choro”, porque depois vem uma contraposição “mas ria”.

Capítulo 45.

VIAGGIARONO PER GIORNI, VERSO NORD, SULLE MONTAGNE. “Viajaram por dias em direção ao Norte”. Apesar de nessa frase ser usada a palavra VERSO, que também tinha sido usada na última frase do capítulo anterior, aqui traduzi “em direção a” e não como “pelo”, porque o sentido da frase era outro.

Capítulo 47.

DALLE MAGLIE DELLE GABBIE PENDEVANO MINUSCOLI CAMPANELLI D'ORO. Não gostei da tradução que dei para MAGLIE DELLE GABIE. Traduzi como “malha das gaiolas”, porque me faltou palavra melhor para descrever. Mudarei depois.

Após sugestão da orientadora, traduzi como “aramado das gaiolas”.

Capítulo 48.

COSÌ NON VIDE IL VILLAGIO METTERSI IN CAMMINO, MA SOLO SENTÌ, COME LONTANO, IL RUMORE DI QUELLA PROCESSIONE CHE LO SFIORAVA, RISALENDO LA STRADA. O verbo SFIORARE é traduzido no dicionário *Parola Chiave* como “roçar”, mas achei a palavra bruta, pouco poética para o momento da história; por isso coloquei o significado “tocar de leve” ao invés de colocar simplesmente “roçar”. RISALIRE significa “subir de novo”, mas traduzi RISALENDO LA STRADA como “pegando a estrada” pelo sentido de que a aldeia continuava a sua viagem, mantendo a metonímia proposta pelo original.

HERVÉ JONCOUR SENTÌ QUALCOSA PREMERE SULLA SUA TESTA, E PIEGARGLI IL CAPO VERSO TERRA. [...] E BENCHÉ NEI SUOI OCCHI CI FOSSE SOLTANTO QUELLA TERRA SCURA [...]. A palavra TERRA pode ser traduzida como “chão” ou “terra”. Traduzi a frase “Hervé Joncour sentiu alguma coisa apertar sua nuca, curvando sua cabeça no chão”, ainda que na sequência da história apareça “ainda que nos seus olhos existisse somente aquela terra escura...”. Apesar da tradução diferente para uma mesma palavra, a ligação entre as partes é mantida.

[...] QUEL SUONO CHE DIVENTAVA SEMPRE PIÙ FORTE, INTOLLERABILMENTE FORTE, SEMPRE PIÙ VICINO, COSÌ VICINO DA SFIORARLO, UN DORATO FRASTUONO, PROPRIO DAVANTI A LUI [...].

Usei a palavra “estrondo” para traduzir FRASTUONO, mas não gostei muito. Nos dicionários que tenho em casa FRASTUONO é traduzido como “estrondo ou barulho”, mas eu gostaria de uma palavra intermediária, uma vez que no texto está escrito DORATO

FRASTUONO, e acho que “estrondo dourado” não combina, mas ao mesmo tempo “murmúrio dourado” tiraria a força do barulho feito pelos mil minúsculos sinos de ouro.

Após reler o original e a tradução, percebi que o som dos sinos dourados ia aumentando cada vez mais e se tornando cada vez mais forte, então a palavra “estrondo” foi sim uma boa escolha.

STOFFE MERAVIGLIOSE, SETA, TUTT’INTORNO ALLA PORTANTINA, MILLE COLORI, ARANCIO, BIANCO, OCRA, ARGENTO, NON UNA FERITOIA IN QUEL NIDO MERAVIGLIOSO [...]. Foi difícil traduzir a palavra FERITOIA. Ao ler o significado no dicionário Zanichelli: “pequena abertura no muro das fortificações que permitia aos defensores usarem suas armas sem se exporem aos ataques dos adversários”, continuei sem ter uma palavra em português. Fui ao dicionário *Parola Chiave* e encontrei a palavra “seteira”, que não me era familiar na língua portuguesa. Pesquisei então no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e ela constava com o mesmo significado do dicionário Zanichelli. Usei “seteira” na tradução, mas achei que poderia usar outra palavra, que fosse de mais fácil compreensão, ainda assim mantive “seteira”.

3. Seda: a tradução

43.

Dia 10 de outubro de 1864, Hervé Joncour partiu para a sua quarta viagem para o Japão. Atravessou a fronteira francesa próxima a Metz; atravessou o sudeste da Alemanha e a Baviera; entrou na Áustria; foi de trem até Viena e Budapeste para depois seguir até Kiev. Percorreu a cavalo dois mil quilômetros de estepe russa; ultrapassou os montes Urais; entrou na Sibéria; viajou por quarenta dias até alcançar o lago Bajkal, que as pessoas do lugar chamavam: o santo. Acompanhou o curso do rio Amur, costeando a fronteira chinesa até o Oceano, e quando lá chegou ficou no Porto de Sabirk por oito dias, até que um navio de contrabandistas holandeses o levou até Capo Teraya, na costa oeste do Japão. A cavalo, percorrendo estradas secundárias, atravessou as províncias de Ishikawa, Toyama, Niigata, e entrou em Fukushima. Quando chegou a Shirakawa encontrou a cidade semidestruída, e um pelotão de soldados do governo acampado entre as ruínas. Contornou a cidade pelo lado leste e esperou em vão por cinco dias o emissário de Hara Kei. Ao amanhecer do sexto dia, partiu pelas colinas, em direção ao Norte. Tinha poucos mapas, direções aproximadas, e o que restava das suas memórias. Andou por dias, até que reconheceu um rio e depois um bosque e então uma estrada. No final da estrada, encontrou a aldeia de Hara Kei completamente queimada: casas, árvores, tudo.

Não existia mais nada.

Não existia viva alma.

Hervé Joncour permaneceu imóvel, a olhar aquele enorme braseiro apagado. Tinha atrás de si uma estrada de oito mil quilômetros. E à sua frente o nada. De repente viu aquilo que ele pensava ser invisível.

O fim do mundo.

44.

Hervé Joncour permaneceu por horas entre as ruínas da aldeia. Não conseguia ir embora ainda que soubesse que cada hora perdida ali poderia significar o desastre para ele e para toda Lavilledieu: não tinha ovos de bicho-da-seda consigo e, ainda que os tivesse encontrado, só lhe restavam dois meses para atravessar o mundo antes que se abrissem, na estrada, transformando-se em um monte de larvas inúteis. Até mesmo um só dia de atraso poderia significar o fim. Ele sabia disso, mas ainda assim não conseguia ir embora. Então permaneceu ali até que aconteceu algo surpreendente e inimaginável: do nada, de improviso,

apareceu um menino. Vestindo trapos, caminhava lentamente, olhando fixamente o estrangeiro com medo nos olhos. Hervé Joncour não se moveu. O menino deu ainda alguns passos à frente e parou. Ficaram a olhar-se a poucos metros um do outro. Depois o menino pegou alguma coisa de debaixo dos trapos e tremendo de medo se aproximou de Hervé Joncour e pôs na sua mão. Uma luva. Hervé Joncour reviu a margem de um lago, e um vestido laranja jogado no chão, e as pequenas ondas que jogavam água na beira, como enviadas de longe. Pegou a luva e sorriu para o menino:

- Sou eu, o francês... O homem da seda, o francês, me entende?... Sou eu.

O menino parou de tremer.

- Francês...

Tinha os olhos brilhantes de choro, mas ria. Começou a falar, rapidamente, quase gritando, e a correr, fazendo sinal para que Hervé Joncour o seguisse. Desapareceu em uma trilha que entrava no bosque, em direção às montanhas.

Hervé Joncour não se moveu. Girava a luva entre as mãos, como se fosse a única coisa que restava de um mundo desaparecido. Sabia que era tarde demais. E que não tinha escolha.

Levantou-se. Lentamente se aproximou do cavalo. Montou. Depois fez uma coisa estranha. Apertou os calcanhares contra o ventre do animal. E partiu. Pelo bosque, atrás do menino, além do fim do mundo.

45.

Viajaram por dias, em direção ao Norte, pelas montanhas. Hervé Joncour não sabia por onde estavam andando, mas deixou que o menino o guiasse, sem tentar lhe perguntar nada. Encontraram duas aldeias. As pessoas se escondiam nas casas. As mulheres fugiam. O menino se divertia como um louco a gritar atrás delas coisas incompreensíveis. Não tinha mais do que quatorze anos. Assoprava sem parar dentro de um pequeno instrumento de bambu, do qual tirava os sons de todos os pássaros do mundo. Parecia fazer a coisa mais linda da sua vida.

No quinto dia chegaram ao topo de uma colina. O menino indicou um ponto, à frente deles, na estrada que descia para o vale. Hervé Joncour pegou o binóculo e o que viu foi uma espécie de cortejo: homens armados, mulheres e crianças, carroças, animais. Uma aldeia inteira em marcha. A cavalo, vestido de preto, Hervé Joncour viu Hara Kei. Atrás dele oscilava uma liteira com os quatro lados cobertos por tecidos de cores vistosas.

46.

O menino desceu do cavalo, disse alguma coisa e foi embora. Antes de desaparecer entre as árvores, virou-se e por um momento permaneceu ali, procurando um gesto para dizer que tinha sido uma viagem muito bonita.

- Foi uma viagem muito bonita – gritou para ele Hervé Joncour.

Por todo o dia Hervé Joncour seguiu, de longe, a caravana. Quando a viu parar de noite, continuou pela estrada até que lhe vieram ao encontro dois homens armados que pegaram o seu cavalo e a bagagem e o conduziram até uma tenda. Esperou por muito tempo, depois Hara Kei chegou. Não fez nenhum sinal de saudação. Nem ao menos se sentou.

- Como você chegou aqui, francês?

Hervé Joncour não respondeu.

- Eu lhe perguntei quem o trouxe até aqui.

Silêncio.

- Aqui não tem nada para você. Só existe guerra. E não é a sua guerra. Vá embora daqui.

Hervé Joncour pegou uma pequena bolsa de couro, abriu-a e a esvaziou no chão. Lascas de ouro.

- A guerra é um jogo caro. Você precisa de mim. Eu preciso de você.

Hara Kei nem ao menos olhou o ouro espalhado pelo chão. Virou-se e foi embora.

47.

Hervé Joncour passou a noite às margens do campo. Ninguém falou com ele, ninguém parecia vê-lo. Dormiam todos no chão, próximos às fogueiras. Havia só duas tendas. Ao lado de uma, Hervé Joncour viu a liteira, vazia. Penduradas nos quatro cantos havia pequenas gaiolas: pássaros. Do aramado das gaiolas pendiam minúsculos sinos de ouro. Tocavam, leves, na brisa da noite.

48.

Quando se acordou, viu à sua volta a aldeia que se preparava para retomar o caminho. Não havia mais tendas. A liteira estava ainda ali, aberta. As pessoas subiam nas carroças, em silêncio. Levantou-se e olhou em volta por muito tempo, mas eram só olhos de formas orientais aqueles que cruzavam com os seus, e logo se abaixavam. Viu homens armados e crianças que não choravam. Viu as faces mudas que as pessoas têm quando estão em fuga. E

viu uma árvore na beira da estrada. E pendurado em um ramo, enforcado, o menino que o tinha levado até ali.

Hervé Joncour se aproximou e por um tempo ficou a olhá-lo, como hipnotizado. Depois soltou a corda presa à árvore, recolheu o corpo do menino, apoiou-o na terra e se ajoelhou ao lado. Não conseguia tirar os olhos daquele rosto. Assim não viu a aldeia pôr-se a caminho, mas somente sentiu, como de longe, o barulho daquela procissão que o tocava de leve, pegando a estrada. Não levantou o olhar nem mesmo quando escutou a voz de Hara Kei, a um passo dele, que dizia:

- O Japão é um país antigo, sabia? A sua lei é antiga: diz que existem doze crimes pelos quais é lícito condenar um homem à morte. E um deles é levar uma mensagem de amor da própria patroa.

Hervé Joncour não tirou os olhos daquele menino assassinado.

- Não tinha mensagens de amor consigo.

- Ele era uma mensagem de amor.

Hervé Joncour sentiu alguma coisa apertar a sua nuca, curvando sua cabeça no chão.

- É uma espingarda, francês. Não olhe, lhe peço.

Hervé Joncour não entendeu logo. Depois escutou, no burburinho daquela procissão em fuga, o som dourado de mil minúsculos sinos que se aproximava, pouco a pouco, pegava a estrada em direção a ele, passo após passo, e ainda que nos seus olhos existisse somente aquela terra escura, podia imaginá-la, a liteira, oscilando como um pêndulo, e quase vê-la, seguir seu rumo, metro após metro, aproximar-se, lenta, mas implacável, levada por aquele som que se tornava cada vez mais forte, intoleravelmente forte, sempre mais perto, tão perto que o tocava, um estrondo dourado, quase na sua frente, ou melhor, exatamente na sua frente – naquele momento – aquela mulher – na frente dele.

Hervé Joncour levantou a cabeça.

Tecidos maravilhosos, seda, tudo ao redor da liteira, mil cores: laranja, branco, ocre, prateado, nem uma seteira naquele ninho maravilhoso, só o burburinho daquelas cores a ondear no ar, impenetráveis, mais leves que o nada.

Hervé Joncour não sentiu uma explosão destruir lhe a vida. Escutou aquele som afastar-se, o cano da espingarda soltar-se dele e a voz de Hara Kei dizer baixo:

- Vá embora daqui, francês. E não volte nunca mais.

49.

Somente silêncio, por toda a estrada. O corpo de um menino, no chão. Um homem ajoelhado. Até as últimas luzes do dia.

4. Impressões finais

Em 2007, ainda estudante de arquitetura e urbanismo, tive meu primeiro contato com o italiano e me encantei não só pelo idioma, mas também pela cultura italiana. Troquei de curso e fiz do italiano não somente uma paixão, mas também meu objeto de estudo e trabalho. Iniciei o curso de Letras em 2011 e a possibilidade de levar a outras pessoas um idioma tão encantador me fez optar pela licenciatura, pois até então acreditava que o trabalho de um tradutor era muito solitário e sem graça.

Cursei todas as disciplinas de língua e cultura e pude iniciar meus estudos em literatura italiana. Infelizmente nenhuma das minhas professoras tinha formação específica nessa área, e isso me fez decidir qual caminho seguir dentro do italiano: o da literatura. Durante o estudo da literatura italiana na universidade não tive a oportunidade de estudar literatura contemporânea e então escolhi um romance contemporâneo como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Ser professora de uma língua é traduzir a todo o momento não só as palavras que os alunos não compreendem, mas também todo um contexto cultural que nossos alunos não conhecem para que possam ter, durante as aulas, uma vivência o mais próxima do real possível. Com isso percebi que a tradução é um serviço inerente ao professor de língua, dado que isso é a tradução: levar a um público algo a que ele não imaginava ter acesso, e por isso minha escolha de realizar um trabalho de tradução de alguns capítulos de um romance italiano contemporâneo.

Durante a graduação fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) por dois anos e um dos projetos no qual trabalhei foi o estudo de autores contemporâneos de diversas línguas, onde eu tive o primeiro contato com a obra do Alessandro Baricco, autor que eu escolhi para realizar o presente trabalho.

Traduzir os sete capítulos de *Seta* foi uma experiência maravilhosa, porque foi meu primeiro contato com a criação literária. Descobri que traduzir é realizar escolhas não para ser fiel ao original, mas para ser o mais compreensiva possível com o leitor e também para deixar a minha marca no romance, uma vez que traduzir é criar um texto totalmente novo, tanto que acredito que se minha tradução fosse comparada com a tradução já existente de *Seta*, os textos não seriam iguais. Talvez esse seja um trabalho para o futuro.

Embora não apareça explicitamente, o Memorial de Tradução segue os pressupostos metodológicos da Crítica Genética, e mostra meu processo de criação. Escolhas provisórias que se tornaram permanentes, escolhas refeitas após horas de reflexão e opinião de outras

peçoas. Descobri enfim que diferentemente do que eu imaginava ao optar pela licenciatura, a tradução não é um trabalho solitário, mas solidário. Percebi que a tradução é uma criação coletiva, onde o tradutor utiliza não só suas ideias, mas as impressões e sugestões de outros leitores.

Em alguns momentos a tradução não foi tão tranquila, porque não encontrar a palavra desejada ou simplesmente não ter entendido a ideia do original geraram algumas horas de crise, porque como este foi meu primeiro trabalho de tradução, queria um resultado perfeito. Ia e voltava aos dicionários, buscava todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos de graduação e percebia que ainda tinha muito a aprender. Essa foi a melhor parte, perceber que ainda tenho muito a aprender, que a criação nunca estará perfeita, sempre poderemos continuar escrevendo, melhorando, reorganizando as ideias, mas que em alguma hora teremos que colocar um ponto final e aceitar que o que está feito foi o melhor conseguido até então e que sempre terão novos textos a serem traduzidos, sempre terá um novo público a espera de um novo mundo a descobrir e esta é a maravilha da licenciatura e da tradução: estar em uma constante viagem por novos mundos e culturas.

REFERÊNCIAS

BARICCO, Alessandro. **Seta**. Milano: Rizzoli, 1996.

CATTANA, Ana; NESCI, Maria Teresa. **Italiano compatto**. Dizionario della lingua italiana. Bologna: Zanichelli, 2010.

DE MAURO, Tullio. Traduttologia. **L'Espresso**. Roma: Gruppo Editoriale L'Espresso S.p.A., p.222, 19 Ottobre 1985.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS. [S.I.]: Objetiva, 2009.

DICIONÁRIO MARTINS FONTES italiano/português. Coordenação geral Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FONSECA, Carla Cardoso. ***Um time muito especial, de Jane Tutikian: tradução ao espanhol e suas implicações***. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PAROLA CHIAVE. Dizionario di italiano per brasiliani. Tradução: Carlo Alberto Dastoli et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Edição bilíngue. Tradução de Doralice Alvez Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

ANEXO

Il 10 ottobre 1864, Hervé Joncour partì per il suo quarto viaggio in Giappone. Varcò il confine francese vicino a Metz, attraversò il Württemberg e la Baviera, entrò in Austria, raggiunse in treno Vienna e Budapest per poi proseguire fino a Kiev. Percorse a cavallo due-mila chilometri di steppa russa, superò gli Urali, entrò in Siberia, viaggiò per quaranta giorni fino a raggiungere il lago Bajkal, che la gente del luogo chiamava: il santo. Ridiscese il corso del fiume Amur, costeggiando il confine cinese fino all'Oceano, e quando arrivò all'Oceano si fermò nel porto di Sabirk per otto giorni, finché una nave di contrabbandieri olandesi non lo portò a Capo Teraya, sulla costa ovest del Giappone. A cavallo, percorrendo strade secondarie, attraversò le province di Ishikawa, Toyama, Niigata, ed entrò in quella di Fukushima. Quando giunse a Shirakawa trovò la città semidistrutta, e una guarnigione di soldati governativi accampata tra le macerie. Aggirò la città dal lato est e attese invano per cinque giorni l'emissario di Hara Kei. All'alba del sesto giorno partì verso le colline, in direzione nord. Aveva poche carte, approssimative, e quel che gli rimaneva dei suoi ricordi. Vagò per giorni, fino a quando non riconobbe un fiume, e poi un bosco, e poi una strada. Alla fine della strada trovò il villaggio di Hara Kei: completamente bruciato: case, alberi, tutto.

Non c'era più niente.

Non c'era anima viva.

Hervé Joncour rimase immobile, a guardare quel-

l'enorme braciere spento. Aveva dietro di sé una strada lunga ottomila chilometri. E davanti a sé il nulla. Improvvisamente vide ciò che pensava invisibile.

La fine del mondo.

44.

Hervé Joncour rimase per ore tra le rovine del villaggio. Non riusciva ad andarsene benché sapesse che ogni ora, persa lì, poteva significare il disastro per lui, e per tutta Lavilledieu: non aveva uova di baco, con sé, e anche se le avesse trovate non gli restavano che un paio di mesi per attraversare il mondo prima che si schiudessero, per strada, trasformandosi in un cumulo di inutili larve. Anche un solo giorno di ritardo poteva significare la fine. Lo sapeva, eppure non riusciva ad andarsene. Così rimase lì finché non accadde una cosa sorprendente e irragionevole: dal nulla, tutt'a un tratto, comparve un ragazzino. Vestito di stracci, camminava lento, fissando lo straniero con la paura negli occhi. Hervé Joncour non si mosse. Il ragazzino fece ancora qualche passo avanti, e si fermò. Rimasero a guardarsi, a pochi metri uno dall'altro. Poi il ragazzino prese qualcosa da sotto gli stracci e tremando di paura si avvicinò a Hervé Joncour e glielo porse. Un guanto. Hervé Joncour rivide la riva di un lago, e un vestito arancione abbandonato per terra, e le piccole onde che posavano l'acqua sulla sponda, come spedite, lì, da lontano. Prese il guanto e sorrise al ragazzino.

— Sono io, il francese... l'uomo della seta, il francese, mi capisci?... sono io.

Il ragazzino smise di tremare.

— Francese...

Aveva gli occhi lucidi, ma rideva. Iniziò a parlare, veloce, quasi gridando, e a correre, facendo segno a

Hervé Joncour di seguito. Sparì in un sentiero che entrava nel bosco, in direzione delle montagne.

Hervé Joncour non si mosse. Rigidava tra le mani quel guanto, come se fosse l'unica cosa rimastagli di un mondo sparito. Sapeva che era troppo tardi ormai. E che non aveva scelta.

Si alzò. Lentamente si avvicinò al cavallo. Saltò in sella. Poi fece una cosa strana. Strinse i talloni contro il ventre dell'animale. E partì. Verso il bosco, dietro il ragazzino, oltre la fine del mondo.

45.

Viaggiarono per giorni, verso nord, sulle montagne. Hervé Joncour non sapeva dove stessero andando: ma lasciò che il ragazzino lo guidasse, senza provare a chiedergli niente. Incontrarono due villaggi. La gente si nascondeva nelle case. Le donne scappavano via. Il ragazzino si divertiva come un matto a gridargli dietro cose incomprensibili. Non aveva più di quattordici anni. Soffiava in continuazione dentro un piccolo strumento di canna, da cui tirava fuori i versi di tutti gli uccelli del mondo. Aveva l'aria di fare la cosa più bella della sua vita.

Il quinto giorno arrivarono sulla cima di un colle. Il ragazzino indicò un punto, davanti a loro, sulla strada che scendeva a valle. Hervé Joncour prese il cannocchiale e quel che vide fu una specie di corteo: uomini armati, donne e bambini, carri, animali. Un intero villaggio: in cammino. A cavallo, vestito di nero, Hervé Joncour vide Hara Kei. Dietro di lui oscillava una portantina chiusa ai quattro lati da stoffe dai colori sgargianti.

Il ragazzino scese da cavallo, disse qualcosa e se ne scappò via. Prima di sparire tra gli alberi si voltò e per un attimo rimase lì, cercando un gesto per dire che era stato un viaggio bellissimo.

— È stato un viaggio bellissimo —, gli gridò Hervé Joncour.

Per tutto il giorno Hervé Joncour seguì, da lontano, la carovana. Quando la vide fermarsi per la notte, continuò lungo la strada finché gli vennero incontro due uomini armati che gli presero il cavallo e i bagagli e lo condussero in una tenda. Attese a lungo, poi Hara Kei arrivò. Non fece un cenno di saluto. Non si sedette neppure.

— Come siete arrivato qui, francese?

Hervé Joncour non rispose.

— Vi ho chiesto chi vi ha portato qui.

Silenzio.

— Qui non c'è niente per voi. C'è solo guerra. E non è la vostra guerra. Andatevene.

Hervé Joncour tirò fuori una piccola borsa di pelle, la aprì e la svuotò per terra. Scaglie d'oro.

— La guerra è un gioco caro. Voi avete bisogno di me. Io ho bisogno di voi.

Hara Kei non guardò neppure l'oro sparso per terra. Si voltò e se ne andò.

Hervé Joncour passò la notte ai margini del campo. Nessuno gli parlò, nessuno sembrava vederlo. Dormivano tutti per terra, accanto ai fuochi. C'erano solo due tende. Di fianco a una, Hervé Joncour vide la portantina, vuota: appese ai quattro angoli c'erano delle piccole gabbie: uccelli. Dalle maglie delle gabbie pendevano minuscoli campanelli d'oro. Suonavano, leggeri, nella brezza della notte.

Quando si svegliò, vide attorno a sé il villaggio che stava per rimettersi in cammino. Non c'erano più tende. La portantina era ancora là, aperta. La gente saliva sui carri, silenziosa. Si alzò, e si guardò intorno a lungo, ma erano solo occhi dal taglio orientale quelli che incrociavano i suoi, e subito si abbassavano. Vide uomini armati e bambini che non piangevano. Vide le facce mute che ha la gente quando è gente in fuga. E vide un albero, sul bordo della strada. E appeso a un ramo, impiccato, il ragazzino che lo aveva portato fin lì.

Hervé Joncour si avvicinò e per un po' rimase a guardarlo, come ipnotizzato. Poi sciolse la corda legata all'albero, raccolse il corpo del ragazzino, lo posò a terra e gli si inginocchiò accanto. Non riusciva a staccare gli occhi da quel volto. Così non vide il villaggio mettersi in cammino, ma solo sentì, come lontano, il rumore di quella processione che lo sfiorava, risalendo la strada. Non alzò lo sguardo neppure quando sentì la voce di Hara Kei, a un passo da lui, che diceva

— Il Giappone è un Paese antico, sapete? La sua legge è antica: dice che ci sono dodici crimini per cui è lecito condannare a morte un uomo. E uno è portare un messaggio d'amore della propria padrona.

Hervé Joncour non staccò gli occhi da quel ragazzino ammazzato.

— Non aveva messaggi d'amore con sé.

— Lui *era* un messaggio d'amore.

Hervé Joncour sentì qualcosa premere sulla sua testa, e piegargli il capo verso terra.

— È un fucile, francese. Non alzate lo sguardo, vi prego.

Hervé Joncour non capì subito. Poi sentì, nel fruscio di quella processione in fuga, il suono dorato di mille minuscoli campanelli che si avvicinava, a poco a poco, e risaliva la strada verso di lui, passo dopo passo, e benché nei suoi occhi ci fosse soltanto quella terra scura, poteva immaginarla, la portantina, oscillare come un pendolo, e quasi vederla, risalire la via, metro dopo metro, avvicinarsi, lenta ma implacabile, portata da quel suono che diventava sempre più forte, intollerabilmente forte, sempre più vicino, così vicino da sfiorarlo, un dorato frastuono, proprio davanti a lui, ormai, esattamente davanti a lui — in quel momento — quella donna — davanti a lui.

Hervé Joncour alzò il capo.

Stoffe meravigliose, seta, tutt'intorno alla portantina, mille colori, arancio, bianco, ocre, argento, non una feritoia in quel nido meraviglioso, solo il fruscio di quei colori a ondeggiare nell'aria, impenetrabili, più leggeri del nulla.

Hervé Joncour non sentì un'esplosione sfasciargli la vita. Sentì quel suono allontanarsi, la canna del fucile staccarsi da lui e la voce di Hara Kei dire piano

— Andatevene, francese. E non tornate mai più.

49.

Solamente silenzio, lungo la strada. Il corpo di un ragazzino, per terra. Un uomo inginocchiato. Fino alle ultime luci del giorno.

76